

OS VELHOS EM 1968

The old people in 1968

Lincoln SECCO (Professor do Departamento de História da USP, São Paulo, Brasil)

“Recentemente, o sr. Cohn-Bendit disse-me, durante uma discussão numa associação profissional, que eu só teria o direito de procurar a polícia se alguém quisesse espancar-me a pauladas; respondi que então talvez fosse tarde demais” (Adorno, Carta a Marcuse, Frankfurt am Main, 5 de maio de 1969).

“Por outro lado, acredito e repito que, em determinadas situações, a ocupação de prédios e a interrupção de aulas são atos legítimos de protesto político” (carta de Marcuse a Adorno, Londres, 4 de junho de 1969)¹.

Certa vez Fernand Braudel disse ao medievalista Le Goff: “Eu, Jacques, quando estou numa reunião, quem a preside sou eu”. Ao voltar dos Estados Unidos em plena tormenta de maio de 1968, encontrou o Collège de France em plena assembleia e naquele dia estava fora de questão deixá-lo presidir qualquer coisa. Ele se sentou na platéia e ficou ao lado de Raymon Aron², provavelmente ambos com muito mau humor. Naqueles dias radicais, Braudel parou diante de um cartaz que representava um Cristo com um pênis gigante. Uma estudante lhe perguntou: “Chocado, professor?”. E ele respondeu: “Não. Isso é apenas o sonho de uma garotinha”. Decerto, ele não viu com bons olhos os “excessos” de 1968. O que aquele maio revolucionário trouxe de mais audaz foi um passo a mais na igualdade de gênero. Braudel gostava de ver as estruturas serem sacudidas, mas duvidava que elas mudassem rapidamente. Mais tarde, numa entrevista à televisão, ele disse que não era contra o fato de que as jovens corajosamente quisessem a liberdade, mas sim que apesar disso continuassem infelizes. É que para ser feliz (em termos culturais) é preciso portar máscaras³.

As revoluções derrubam as máscaras provisoriamente. Depois, outras se impõem ou as mesmas são restabelecidas. Os bolcheviques tomam o poder e Lenin pode proclamar que até a cozinheira cuidará dos negócios do Estado. Mas na primeira reunião do novo governo, alguém terá que servir o café. No filme *Les Amants Réguliers* de Philippe Garrel há uma seqüência em que um jovem, depois de uma madrugada de barricadas e fugas, chega em casa cansado e sujo. Deita-se no sofá e adormece enquanto sua velha mãe lhe retira as botinas para limpá-las. A câmera se detém longamente nas botas... Mas se a insurreição do cotidiano sempre modera as

¹ In: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno16.htm>. Tradução de Isabel Maria Loureiro.

² Le Goff, J. (1998) *Uma Vida para a História*. São Paulo: Editora Unesp, p. 161.

³ Daix, Pierre (1999). *Fernand Braudel: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Record.

revoluções políticas, isso só ocorre no dia seguinte. Na noite das tormentas, tudo parece de cabeça para baixo. Antes que o professor retorne à posição superior da sala de aula e o padre ao púlpito, a polícia retome suas funções e algum poder se estabeleça, os burgueses temem pelo último dos privilégios que sobrou de nossa era moderna: a propriedade⁴.

Acontece que nunca mais o professor retomou integralmente a posição incontestada de outrora e os padres... Bem, os padres perderam o rebanho. Só a propriedade persistiu no topo, incontestável. Esta foi a revolução de 1968: como muitas outras, abalou algumas estruturas, menos a propriedade dos meios de produção. Afinal, como disse outro “adversário” de 1968, “chocar o burguês é muito mais fácil que derrubá-lo”⁵. Eric Hobsbawm argumentou que o real significado daquele movimento estava menos nas ocupações estudantis e nas suas ideologias do que no uso do blue jeans (especialmente no uso de calças compridas pelas mulheres)⁶. Mas como ele disse nunca ter usado calça jeans e não gostar de adultos que desejam ser adolescentes para sempre, permaneceu fora dos anos sessenta⁷.

Quando escreveu isso, ele tinha em mente um cotejo com sua própria geração. Os jovens dos anos sessenta apanharam os velhos esquerdistas de surpresa. Eles tinham sido resistentes na Guerra, passaram pela penúria e pela violência dos campos de concentração e viram a União Soviética ao menos como país fundamental no campo da luta anti-fascista. Nos sessenta, o problema não era de penúria, mas de superabundância de uma sociedade consumista; a União Soviética era vista como parte integrante do jogo de equilíbrio da Guerra Fria; e a Segunda Guerra estava a um geração de distância.

Por fim, para Hobsbawm (cuja militância iniciara-se em Berlim em 1933, a sua juventude era diferente em quatro maneiras de um soixante huitard:

1. Em Berlim não era uma minoria de dissidentes que questionava o sistema, mas uma maioria;
2. Diferentemente dos estudantes de 1968, os jovens alemães eram não só contestadores, mas estavam (à direita ou à esquerda) engajados numa luta essencialmente revolucionária para a conquista do poder;
3. Poucos jovens da ultra-esquerda alemã eram intelectuais. Mais de 90% não tinham sequer escola secundária;

4 Tocqueville, A. (1991). *Lembranças de 1848*. Tradução: M. Florenzano; Introdução: R. Janine Ribeiro; prefácio: F. Braudel. São Paulo: Companhia das Letras, p. 41.

5 Hobsbawm, E (1994). *Revolutionaires*, London, Phoenix, p. 219.

6 Aliás, o consumo em geral “era o elemento de coesão etária”. Cf. Santos, Agnaldo (2009). A construção histórica da juventude e a ascensão da “juvenildade”. *Mouro*, N. 1. S. Paulo: NEC.

7 Hobsbawm, E. (2002). *Interesting Times*. London: Penguin Books, pp. 261-2.

4. Os intelectuais comunistas e os militantes de um modo geral não eram dissidentes culturais. A maior divisão não foi como na era do rock, entre gerações, mas um conflito político entre os que acreditavam e os que rejeitavam a Revolução Russa. Em Berlin, os jovens comunistas partilhavam da mesma cultura de Weimar de seus pais social-democratas ou liberais⁸.

A ruptura geracional foi a que mais confundiu os velhos professores. Muitos deles se consideravam revolucionários, mas não o suficiente para uma crítica aberta a posições estabelecidas nos meios acadêmicos. Tomemos o caso de um historiador conservador: Pierre Chaunu, na Universidade de Caen. Num anfiteatro lotado, alguns alunos de sociologia pedem a palavra. Chaunu lhes dá a palavra desde que sejam rápidos. Os alunos informam sobre confrontos de estudantes com a polícia na Sorbonne. Chaunu replica: “Sua informação é unilateral, vocês estão na presença de historiadores. Permitam-me apresentar uma outra fonte”. Ele diz que entre os pseudointelectuais e os policiais, ele não quer escolher, mas se for forçado, escolherá os policiais, filhos de camponeses como ele⁹.

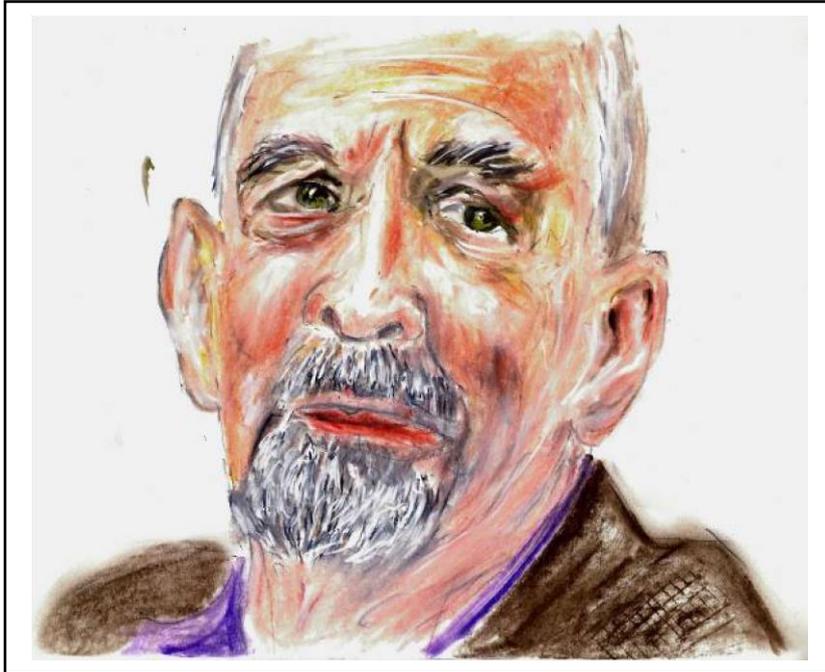
Nota-se como, embora conservador, ele apelava para uma base de classe a fim de se legitimar perante os novos revolucionários. É que as revoluções costumam criar um novo campo semântico mais apreciado pela opinião pública. Assim, era possível, em 1848, ouvirmos (segundo Tocqueville) burgueses se jactarem de suas origens humildes temendo os excessos dos que erguiam barricadas em Paris.

Uma outra possibilidade era apelar para a necessidade de não se cortar raízes com a cultura estabelecida, de não revolucionar a forma de transmissão dos conteúdos. Não era chocante ouvir teses típicas do comunismo de esquerda do primeiro quartel do século XX ou mesmo reviver ideais anarquistas, mas sim vê-las travestidas de atos escandalosos que envolviam uma nova concepção de amor livre, de comunicação direta e sem rodeios e de desrespeito a toda autoridade (mesmo de esquerda).

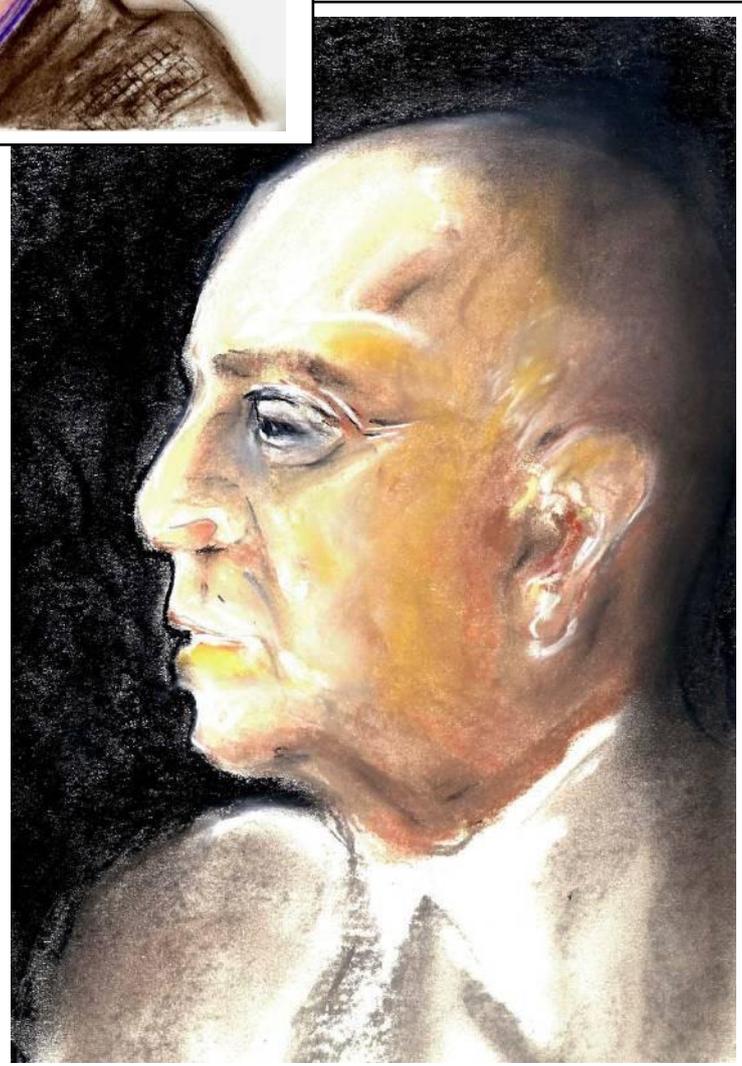
Em Estocolmo, Ingmar Bergman, então diretor do Teatro daquela cidade, percebeu isso e também as conseqüências daquela revolução. Declarou que dificilmente um historiador futuro conseguirá ver o suposto mal feito por 1968 à cultura e à educação até então existentes porque os revolucionários frustrados agarraram-se às redações de jornais e às editoras e passaram a falar amarguradamente da revolução interrompida.

⁸ Id. Ibid., p. 70.

⁹ Chaunu, P. e Dosse, F (1994). *L'instant Éclaté*. Paris, Aubier, p. 93.



Ingmar Bergman



Adorno

É curioso que Bergman tivesse percebido que a revolução de 1968 não demonstrava paciência de apreender as formas do passado. Quando ele disse aos jovens atores que eles deveriam antes aprender seu ofício se quisessem que suas mensagens revolucionárias fossem ouvidas, eles agitaram-lhe na cara o livrinho vermelho de Mao Tsetung e o expulsaram do teatro. A consequência foi, para Bergman, a tomada dos aparatos culturais pela nova geração. Donos dos mass media, eles deixaram os velhos num cruel isolamento. Todavia, sua revolução cultural seguiu o padrão habitual das revoluções políticas, só que incrivelmente mais rápido:

“O padrão não mudou: as idéias se tornaram institucionalizadas e corrompidas. Às vezes acontece rapidamente, às vezes leva centenas de anos. Em 1968 aconteceu com uma rapidez furiosa e o dano feito num curto período foi ao mesmo tempo assombroso e difícil de se reparar”¹⁰.

O legado de Maio de 1968 não pode ser entendido sem o concurso das idéias de sua oposição, ou seja, sem percebermos no seu contrário alguns aspectos imprescindíveis para analisarmos seus efeitos. Os “velhos”, nem sempre conservadores em política, tiveram um pouco a nos dizer sobre aquilo tudo. Não partilharam da Revolução Cultural e se mantiveram presos a um modelo de revolução política e econômica que não mais nos contenta nos dias de hoje. Se a Revolução Russa, ao menos nos primeiros anos, para eles libertou o operário e o camponês (não entremos num outro debate sobre a realidade desta afirmação), uma nova revolução deveria liberar também a mulher e as diferentes etnias, por exemplo.

Todavia, também é certo que se 1917 não passou da política e da “economia” para os costumes (senão em efêmeros e localizados experimentos de uma vanguarda artística logo devorada pelo stalinismo), 1968 também não transitou da cultura para a política senão na forma habitual “denunciada” acima por Ingmar Bergman. É por isso que 1968, incorporado pela lógica do capital, conseguiu destruir silenciosa e paulatinamente muitas hierarquias e rituais, fazendo os homens e mulheres de todas as idades aparecerem sem diferenças, meras máscaras de consumidores, quando tudo o que se queria era o contrário disso (mas afinal, por suas antinomias internas é possível que um movimento produza exatamente o seu oposto, como sustentaria Adorno).

Os próprios jovens daquela época, ao conquistarem os mass media, conquistaram hegemonia cultural. Acontece que essa hegemonia perdurou além de seu momento e, atualmente, todos nós temos a obrigação de sermos jovens (e felizes?). Partilhamos (pais e filhos) a mesma música, a mesma roupa, as mesmas drogas. É provável que tivesse sido assim antes. Só que a direção dos velhos sobre os jovens era identificada como era: coisas velhas que teimavam em persistir. Assim, os jovens sempre tinham motivos para se revoltar. Hoje, os ideais de 1968 disfarçam sua preeminência com uma vestimenta eternamente juvenil. Assim, impedem as novas gerações de uma autêntica revolta (que seja sua e somente sua). Elas não podem mais romper tabus, pois os jovens de 1968 aparentemente já romperam todos. Talvez, se olharmos para os velhos de 1968, possamos descobrir algum motivo para superarmos no melhor sentido da palavra, aquele ano.

Afinal, deveria causar incômodo que, numa sala de aula, as máscaras daquele que manda e daquele que obedece tenham sido muitas vezes retiradas, mas não na fábrica.

¹⁰ Bergman, I. (1988). *The Magic Lantern*. London: Penguin, p. 199.

MOURRO

ISSN 2175-4837

Fernand Braudel

